

**40° Encontro anual da ANPOCS**

**SPG28 Religião, política e direitos humanos**

**A constituição do crente-cidadão: as sensibilidades políticas dos fiéis pentecostais e a disputa pela laicidade**

*Cleonardo Gil de Barros Mauricio Junior  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE  
Bolsista do CNPq com Auxílio Mobilidade da FACEPE*

## **A constituição do crente-cidadão: as sensibilidades políticas dos fiéis pentecostais e a disputa pela laicidade**

*Cleonardo Gil de Barros Mauricio Junior  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE  
Bolsista do CNPq com Auxílio Mobilidade da FACEPE*

“Os evangélicos ficaram alienados da vida social, como se fossem anjos, pensando q (sic.) são exclusivamente espirituais. Acordamos, somos cidadãos.”

Essa declaração do pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, foi a responsável por gerar os questionamentos que se desdobraram na pergunta inicial do projeto de pesquisa de minha tese: Como se dá a construção das subjetividades políticas dos crentes pentecostais? Quais os modos de subjetivação desse **crente-cidadão**? E mais: quais as instâncias em que as motivações, os afetos e as ações políticas são forjados em meio à vivência religiosa em uma comunidade pentecostal?

O objeto de minha pesquisa são os crentes da igreja do pastor Silas Malafaia e meu campo tem sido a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), mais especificamente em sua sede, no bairro da Penha, Rio de Janeiro, um mega templo com capacidade para mais de seis mil pessoas sentadas. Especificando: Meu objeto de pesquisa não são os líderes. Não são os parlamentares da bancada evangélica. São os crentes ordinários.

Também venho realizando trabalho de campo nos grandes eventos promovidos pela ADVEC, principalmente os de cunho político. Assim, minha primeira experiência de campo com esta pergunta em mente foram os protestos de 13 de março em Brasília. Malafaia marcou a inauguração da filial da ADVEC em Brasília para os dias 12 e 13 de Março, véspera e dia do protesto a favor do impeachment. Malafaia também postou um vídeo em sua página oficial no facebook avisando que estaria no trio elétrico estacionado em frente ao congresso nacional. Vale ressaltar que, no dia do protesto, apesar de postar diariamente em seu canal no youtube críticas ao governo da presidente Dilma Rousseff, Malafaia foi vaiado pelos presentes.

Antes de voltar ao campo e realizar essa primeira incursão com o novo recorte para a tese (voltar ao campo porque fiz minha monografia e minha dissertação a partir de trabalho de campo na ADVEC no Recife), fiquei pensando em quais seriam os momentos em que as subjetividades políticas dos crentes da igreja de Malafaia eram construídas. Porque, nesses momentos anteriores nos quais busquei, na monografia, compreender a construção do líder carismático e, na dissertação, lançar luz sobre a construção da vocação dos jovens candidatos a pastor, não havia momentos em que se tratava de política nos cultos (pelo menos eu não tinha presenciado, com exceção de um momento na ESLAVEC, no qual Malafaia afirmou ter recebido uma ligação de Dilma na ocasião da campanha presidencial de 2010).

Minha expectativa era que, com os acontecimentos dos últimos anos – o recrudescimento da tensão política na esfera pública desde os protestos de junho de 2013 - isso teria mudado e os momentos em que se tratava de política nos cultos teriam, provavelmente, se multiplicado. Esperava, portanto, uma vez que era notória a estratégia de Malafaia escolher o mesmo fim de semana dos protestos do dia 13 para a inauguração da ADVEC, que os cultos em Brasília seriam uma espécie de conclamação dos fieis para combater os "esquerdopatas" (como Malafaia chama seus opositores políticos) na manifestação. O culto seria, então, nada mais que uma preparação para o protesto.

Não foi isso que aconteceu. As mensagens (parte principal do culto – e que estavam a cargo do Pastor Malafaia nas duas noites) apresentaram uma temática que não tocava em assuntos políticos, sequer da esfera pública, mas do desenvolvimento espiritual da vida dos ouvintes.

Ele fez algumas citações, no entanto: No primeiro dia, quando apresentou o promotor público presente na inauguração e que, segundo Malafaia, estava "combatendo a ideologia de gênero" no país, afirmou que os "esquerdopatas" não iriam "botar terror" em Brasília (foi no começo do culto, não era o momento da mensagem). No fim, depois de convidar a todos para os protestos no dia seguinte, disse aos ouvintes que não se pode "deixar as coisas passarem", e que o crente que diz não ligar para questões políticas "até parece que é extra-terrestre". Mas antes do convite fez questão de dizer: "Não estou mandando ninguém ir não, mas estarei lá no trio elétrico, às 09:00h".

No segundo dia, eu esperava muitos comentários sobre o protesto que tinha acontecido mais cedo. No entanto, a única referência ao protesto, desta feita no meio da

mensagem, ao dar um exemplo de pessoas pessimistas (a mensagem era sobre vencer obstáculos na vida), foi para dizer que compreendia o sentimento pessimista de todos em relação à situação do Brasil, mas que, "a casa tinha começado a cair [para eles] hoje".

O que me chamou atenção é que, logo após essa "tirada", ele afirma "mas não vou me desviar da mensagem". Parece haver, portanto, na etnoteologia política da ADVEC, uma separação entre o religioso e o político, ou, pelo menos, uma hierarquia entre ambos, com o religioso apresentando uma posição de superioridade. E isso mesmo com ele afirmando que os crentes não devem ser só espirituais.

Se o comentário político é um "desvio" da mensagem, onde as subjetividades políticas dos crentes são formadas, então? Nesses momentos de desvio da liturgia principal do culto?

Uma vez que a mensagem é o principal veículo para a construção da pessoa pentecostal (e a mensagem não era, por exemplo, sobre a necessidade de uma postura política mais ativa por parte dos crentes), quando os afetos, emoções, sensibilidades, motivações e disposições para atuar na esfera pública como agente de transformação política são internalizados pelos crentes pentecostais?

O que pode se desdobrar em outra pergunta: O que há de propriamente religioso nessa construção das subjetividades políticas dos crentes pentecostais?

Essa pergunta é feita, e respondida, por Asad na crítica desse autor ao conceito de religião de Geertz:

Geertz afirma que os símbolos religiosos agem "induzindo o crente a um certo conjunto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência" (Geertz, 1989, p. 70)<sup>1</sup>.

Asad questiona: Mas quão plausíveis são essas proposições? Podemos, por exemplo, prever qual seria o conjunto de **disposições "distintivas"** de um devoto cristão na

---

<sup>1</sup> GEERTZ, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

sociedade industrial moderna? De modo alternativo, podemos dizer de alguém dotado de um conjunto de disposições “distintivas” que ele é ou não é cristão? (Asad, 1993)<sup>2</sup>

O próprio Asad responde: “A resposta a ambas as interrogações certamente deve ser não. A razão, sem dúvida, é que não é apenas a devoção, mas as instituições sociais, políticas e econômicas em geral no interior das quais as biografias individuais são vividas, que conferem estabilidade ao fluxo de atividades de um cristão e à qualidade de sua experiência.”<sup>3</sup>

Ao assumirmos essa perspectiva de Asad, há a vantagem de se produzir uma simetria entre o sujeito religioso e o secular: ambos são formados por discursos autoritativos e, na sociedade industrial moderna, partilham das mesmas instituições sociais, políticas e econômicas. Ambos também passam a ser problematizados.

Mas, com isso, não se perderia a participação da religião na formação de um sujeito que considera sua filiação religiosa como a principal representação de seu eu na vida cotidiana? Ao mesmo tempo, como perceber essa participação?

Geertz afirma em “O beliscão do Destino” que a religião é a variável dependente preferida dos cientistas sociais. No caso do pentecostalismo brasileiro, a causa de seu crescimento já foi imputada às migrações, à sua afinidade com a economia de mercado, ou à sua estrutura profunda que, na verdade, se adequaria ao substrato sócio-cultural brasileiro (sincrético). Enfim, para perceber o crescimento da importância do pentecostalismo na sociedade e cultura brasileiras ele é tratado, geralmente, como variável dependente. Por outro lado, ao se analisar a presença do chamado ativismo conservador evangélico na esfera pública, imputa-se a ele a responsabilidade de amolar a faca da violência, produzindo o conservadorismo e a intolerância que se espalham e descem para a sociedade, em outras palavras, seria a teologia da guerra espiritual se transformando em sociabilidade na sociedade civil. E aí se destacam episódios como o apedrejamento da menina Kaylane e o ataque à transexual que encenou a crucificação na

---

<sup>2</sup> ASAD, Talal. (1993). The construction of religion as an anthropological category. In: “Genealogies of religion: discipline and reasons of Power in Christianity and Islam”. London: Johns Hopkins University Press

<sup>3</sup> ibid

parada gay de São Paulo. Nesse caso, o pentecostalismo é a variável independente e fomentador do conservadorismo da sociedade mais ampla.

Sendo assim, como compreender a construção das subjetividades políticas dos crentes pentecostais sem cair nesses extremos?

Essa pergunta de tese derivava, na verdade, de uma preocupação com os conteúdos políticos dos crentes pentecostais. Estava implícita uma tentativa de explicar a formação do *self* conservador pentecostal e não da categoria êmica do crente-cidadão. Ao invés de focar na internalização de pautas consideradas conservadoras, passei a me preocupar com **as instâncias nas quais os crentes pentecostais aprendiam a assumir uma postura mais ativa na esfera pública, a partir de sua filiação religiosa**, sem me preocupar com os conteúdos.

Trata-se, também, não de seccionar o que é religioso e o que é secular na formação desse sujeito. Mas de mapear as instâncias e modos de subjetivação política no grupo em que ele participa e, ao invés de categorizar tais instâncias (como religiosas ou seculares), colocar em questão essas mesmas categorias entendendo os sentidos que os próprios sujeitos de pesquisa dão a elas.

Quais são, então, as instâncias nas quais o crente-cidadão acessa os afetos, motivações e o *ethos* para participar ativamente das controvérsias envolvendo a religião na esfera pública brasileira?

Um dos exemplos foi o chamado Ato Profético em favor do Brasil.

Em vídeo postado em seu canal oficial no YouTube em 29 de março, Malafaia afirma (quando o Ato estava marcado para 11 de maio, sendo depois transferido para 01 de Junho) que não estava fazendo o Ato para ser a favor ou contra o impeachment, apesar de, em suas próprias palavras, todos estarem cansados de saber que ele era a favor do impeachment. (O prosseguimento do processo de impeachment seria votado na Câmara já em 17 de Abril e alguns internautas estavam deixando comentários na página do pastor pedindo para que o evento fosse marcado para antes da votação na Câmara). A resposta de Malafaia para a solicitação de mudança na data foi que “Independente de haver ou não impeachment, nós temos que interceder pela nação.”

“Eu não estou fazendo um ato político e o ato não é meu”, continua Malafaia. “É um ato da liderança evangélica do Brasil”. “É um ato no qual diferentes lideranças de

diferentes igrejas estarão clamando em favor da nossa nação, governo caindo ou não”. “Nossa situação é uma situação tão grave que nós precisamos clamar pelo Brasil. E é profético. Estamos chamando para Brasília porque é o centro do poder. Temos que colocar o nosso pé lá”.

E encerra: “vamos transformar o país com o poder da oração e do clamor do povo de Deus”.

O sentido implícito do que Malafaia chama de político na ocasião do Ato seria o de política partidária, mais especificamente em relação ao apoio ou não ao então governo do Partido dos Trabalhadores e ao impeachment da presidente Dilma Rousseff. No entanto, é claro o tom político, no sentido do engajamento na esfera pública, das declarações dos pastores que participaram do evento.

A liturgia do Ato Profético intercalou falas e orações de líderes de diversas igrejas do Brasil, com a apresentação de cantores gospel. O contexto do evento tinha mudado em relação ao vídeo postado por Malafaia no Youtube, citado anteriormente, uma vez que a data de sua realização foi adiada para 01 de Junho, quando a continuidade do processo de impeachment já havia sido aprovada na Câmara.

Dentre as falas e trechos de orações, separei alguns destaques:

Existe uma forma de o Brasil ser curado: quando a igreja se reúne (Apóstolo Sérgio Paulo, Igreja internacional das nações)

Não fomos feitos para sermos guiados como povinho sem autoridade. Somos um povo que não nos rendemos diante do inferno (Apóstolo Sérgio Paulo, Igreja internacional das nações)

Pela paz no Brasil. Paz reine entre nós. Pela força do Legislativo, executivo e judiciário, profetizamos paz (Pr. Samuel Ferreira, AD Madureira)

Profetizamos que a crise vai virar milagre. Estamos semeando com oração e cremos que a resposta virá dos céus (Pr. Flamarion, Igreja do Evangelho Quadrangular)

Deus está usando a vassoura do Espírito Santo e está varrendo a nação. O segundo semestre não vai ser de crise, porque quem governa é Deus e não o homem (Apóstolo César Augusto, Igreja Fonte da Vida).

O que se depreende dessas falas é um sentido do protagonismo evangélico no desenrolar dos eventos críticos que definiriam a partir dali o rumo da política brasileira. É a partir da ação, ou da oração, desses líderes evangélicos que a estabilização na tensão política pela qual passa a sociedade brasileira seria alcançada e até mesmo a crise, dirimida. Isso, o sentido de protagonismo triunfalista dos evangélicos, fica mais evidente com a declaração de Malafaia de que um evento idêntico, organizado por este mesmo grupo de pastores em 2013 (A manifestação pacífica, também em Brasília), também sob sua liderança, teria sido responsável por desencadear as denúncias de corrupção que culminaram na votação da câmara pelo prosseguimento do processo do impeachment. Se aquele evento, o de 2013, foi o responsável por trazer a espada, as falas do Ato Profético mostravam agora que o objetivo era trazer paz e prosperidade.

A oração de Valnice Milhomens, líder da igreja nacional do Senhor Jesus, e personalidade em evidência no cenário evangélico brasileiro, é paradigmática nesse sentido (do papel de protagonistas dos evangélicos no que eles chamaram de restauração da nação):

Pai, tu estás no teu trono de glória, de majestade e de poder. Santo, santo, santo é o teu nome. Toda esta nação se enche da glória da tua presença. Ao dobrarmos os nossos joelhos neste ambiente onde estão assentados os poderes da república, em concordância com a noiva do cordeiro nesta pátria, nós invocamos agora o poder explosivo do teu Espírito Santo. [que ele ]Seja agora liberado do teu trono sobre toda a largura e extensão desta pátria e apodera-te de cada família do Brasil. Venha o teu reino. Governe o nosso pensar, o nosso sentir, o nosso querer. Assume o teu lugar de senhor soberano desta nação. Estamos neste ambiente onde os poderes executivo, legislativo e judiciário se encontram e rogamos agora senhor, em concordância: venha o teu reino sobre os poderes executivo, legislativo e judiciário. Que a tua vontade soberana que é boa, perfeita e agradável se estabeleça nesses poderes da república... nesta hora decisiva, quando te apresentas à nação como fogo refinador , como sabão de lavadeira para remover a escória da nossa nação e lançá-la em seu destino profético. Que todos os juízes do supremo tribunal, a polícia federal, o ministério público, o congresso nacional e o governo transbordem do pleno conhecimento da tua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual. E que todos andem de modo digno diante de ti, agradando-te em



todas as coisas, fazendo o que é bom, perfeito e agradável. Sejam eles todos tomados pelo teu espírito, energizados para que te conheçam cada vez mais e andem de acordo com os teus caminhos. Pai, tome esta nação. Ela é tua por direito de criação e de redenção. Não daremos descanso aos nossos olhos trazendo diante de ti a promessa que nos deste para gerar: Brasil, as tuas eiras estão se enchendo de trigo. Os teus lagares estão transbordando do vinho fresco e do azeite. Estás comendo abundantemente e te fartando e a terra está removendo de ti as locustas de toda corrupção, de toda política que luta contra Deus. E tu estás comendo abundantemente, Brasil, na presença de Iavé teu Deus e te fartando. E nunca mais, Brasil, serás envergonhado. Em nome de Jesus, amém.

Mas como esse sentido de protagonismo na esfera pública reverbera na vida dos crentes ordinários?

Como nos lembra Marshall Sahlins, os significados são colocados em risco na ação. Da mesma forma que o mundo pode se mostrar intratável, negando os conceitos que lhe são indexados, “nada pode garantir, continua Sahlins, que sujeitos inteligentes e motivados, com interesses e biografias sociais diversas, utilizarão as categorias existentes das maneiras prescritas”, o que implicará, diz ele também, em efeitos imprevistos<sup>4</sup>.

Os grandes eventos dos quais participei foram vistos pro mim como um ritual de afirmação de um novo protagonismo evangélico na esfera pública. A apresentação de um novo código moral no qual o crente pentecostal precisa conectar à constituição do sujeito espiritual, religioso, um sujeito político, enfim, o crente-cidadão.

Como, por fim, os crentes da igreja de Malafaia estão lidando com esse novo código moral no qual são instados a incluírem nas virtudes do homem de Deus, os elementos do crente-cidadão, e isso em meio à disputa que vemos pela moralidade pública?

É a partir agora de uma etnografia da ética da virtude dos crentes ordinários que pretendo chegar a essa resposta. Conectando as instâncias macro de análise, como estes grandes eventos e rituais, com as instâncias de análise da micro-sociabilidade dos crentes ordinários na esfera pública civil.

---

<sup>4</sup> SAHLINS, Marshall. (1990). Ilhas de História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar